

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE (UNI-RN)
CURSO SUPERIOR EM PSICOLOGIA NOTURNO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROF. DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

MARIA EDUARDA RODRIGUES FERREIRA
NOEMY SANTANA SALES
RIELLY CRISTINA ALVES GOMES

**A CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL E A RELAÇÃO COM A
ESTRUTURA DA PERVERSÃO**

NATAL/RN
2024

*“Podemos dizer que
o sujeito
não nasce e não se desenvolve,
ele se constitui.
É somente ao longo
de uma série de processos lógicos,
envolvendo a relação
do infans (aquele que não fala) com o Outro,
que este poderá vir
a se contar
e a se narrar como sujeito. ”*

(COSTA, Germano; LEITE, Sonia, 2015, p. 621).

A CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL E A RELAÇÃO COM A ESTRUTURA DA PERVERSÃO

Maria Eduarda Rodrigues Ferreira¹

Noemy Santana Sales²

Rielly Cristina Alves Gomes³

Dra. Karina Carvalho Veras de Souza⁴

RESUMO: Para Freud, a perversão surge na fixação do desvio quanto o objeto sexual e na exclusividade de práticas desviantes em relação à meta sexual, que podem assumir o lugar daquela considerada normal. Dito isto, é importante diferenciar o que é de caráter perverso-polimorfo e o que está relacionado à sexuação. Para Lacan, com base na função paterna, o sujeito age com dois possíveis estereótipos estruturais, que não são superados: o desafio e a transgressão. Diante disso, o objetivo deste estudo é investigar, sob um olhar psicanalítico, como se dá a constituição da sexualidade infantil e qual é a relação com a estrutura da perversão. A pesquisa parte de uma revisão bibliográfica, tomando como base os autores da psicanálise que discutem o tema, Freud e Lacan sendo os autores principais. As características da vida sexual do infante são autoeróticas, descobrindo a satisfação no próprio corpo, permitindo identificar formações das pulsões parciais. Isso posto, no Édipo, a criança está em uma triangulação mãe-falo-filho; em seguida, tem-se a entrada do Nome-do-Pai; após, surge a identificação com o pai e a construção do Ideal do eu. Quando o sujeito recusa se enxergar como um ser marcado pela falta, é a denegação da castração. Assim, os traços da perversão fazem parte da constituição sexual do sujeito, enquanto a estrutura subjetiva da perversão está relacionada à posição específica perante o Édipo com uma inexatidão na simbolização da lei que é “desafiada”.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade Infantil, Perverso-Polimorfo, Perversão, Psicanálise.

¹ Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

² Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

³ Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

⁴ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

1. INTRODUÇÃO

Freud (1905, p. 41-42) aborda a perversão em algumas de suas obras, destacando-se principalmente em *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*. Em sua ideia, ele discorre que a perversão surge a partir de um desenvolvimento sexual desviado durante a infância, onde o sujeito se fixa em um dos estágios de desenvolvimento sexual infantil, perdendo-se no rumo da copulação e, assim, divergindo de tal meta sexual final. Além disso, Freud (1905, p. 50-56) acrescenta que existem formas dessas perversões, incluindo o voyeurismo, o exibicionismo, o sadismo, o masoquismo e o fetichismo. Cada uma dessas manifestações representa uma maneira pela qual o indivíduo desvia a meta sexual e busca gratificação fora dos comportamentos considerados normais.

Dito isto, Em *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*, Freud (1905, p. 27) discorre sobre a natureza diversificada e variável dos desejos da sexualidade humana, relatando o caráter perverso-polimorfo da sexualidade infantil:

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais - a vergonha, o asco e a moral - ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção (FREUD, 1905, p. 27).

Tendo em vista os fatos apresentados, a sexualidade infantil será perverso-polimorfo diante do fato da sua disposição subjetiva primordial de satisfação dos desejos sexuais de formas não convencionais. Ainda, consoante a isso, Formigoni (2016, p. 128) reflete sobre a necessidade de discriminar a característica da perversão polimorfa como um elemento constitucional da sexualidade humana daquela como estrutura perversa.

Para Freud, esse polimorfismo das manifestações da sexualidade dos seres humanos torna árdua a tarefa de definir com mais precisão a perversão, por isso, ele propõe que além das manifestações indubitavelmente patológicas, uma distinção da perversão da normalidade que reside na fixação do desvio quanto o objeto e na exclusividade de prática desviantes em relação à meta (Martinho & Sadala, 2016).

Além disso, Freud (1905) conclui que o infante passa por etapas de evolução sexual, desde a sua origem. Conforme a teoria de Freud sobre a sexualidade infantil,

as etapas de desenvolvimento do infante estão relacionadas pela libido em diversas zonas erógenas, e por ter notado exatas organizações nas pulsões sexuais da criança, inicia agregando tais pulsões em etapas de desenvolvimento sexual do infante, como a fase oral, a fase anal, a fase fálica, o período de latência e, por fim, a fase genital.

Nesse cenário, no início da vida do infante, existe uma relação ilusória entre ele e a mãe, com isso a criança se converte no desejo da própria mãe, na intenção de ser desejado pelo outro, ou seja, por ela. Com isso, a criança inicia o conflito essencial de sua existência, ser o falo da mãe que, reconhecendo-se castrada, constitui-se como falta. Nesse sentido, a falta imaginária do objeto é o responsável pela castração simbólica e isto se passa pela função do pai, ou seja, pela mediação do nome do pai, metáfora do desejo materno. A relação da figura paterna imaginária esboça o caminho do ser para o ter, mas isso só é possível se o pai for notado pela criança como alguém que é dono do objeto de desejo da mãe. (Carvalho, 1996).

Dito isto, ele se consome para negociá-la, buscando expressar que a única lei que reconhece é a lei do seu próprio desejo e não a lei do desejo do outro. Assim, pode ser que a função fálica do pai que lhe confirma como o representante da lei, nunca seja, de fato, reconhecida, a não ser para ser questionada, agindo, tal sujeito, com dois estereótipos estruturais, que não são superados: o desafio e a transgressão. (JOEL DOR, 1991 *apud* CARVALHO, 1996).

Perante ao que foi supracitado, este estudo tem como pergunta-problema: como se dá a constituição da sexualidade infantil e qual é a relação com a estrutura da perversão?

Assim, com o propósito de aprofundar ainda mais no tema, este trabalho tem como objetivo geral investigar, sob um olhar psicanalítico, como se dá a constituição da sexualidade infantil e qual é a relação com a estrutura da perversão. Os objetivos específicos são caracterizar as fases do desenvolvimento sexual infantil, descrever o complexo de Édipo e apresentar o mecanismo da denegação da castração.

A pesquisa utilizada para o fundamento em questão é de caráter qualitativo, de natureza básica, com objetivo descritivo, executada por meio de uma revisão bibliográfica, que segundo Gil (2008), se desenvolve a partir de um material

anteriormente elaborado, composta por livros e artigos científicos, e como técnica será utilizada a Análise de Conteúdo. O tipo de revisão bibliográfica será a revisão integrativa, que é caracterizada pelo agrupamento e síntese de resultados dos estudos sobre determinado tema ou objeto, de modo ordenado e sistemático (Botelho et al., 2011; Mendes et al., 2008).

Primeiramente foi realizado a identificação do tema, sendo selecionada as hipóteses e/ou questões que norteiam a pesquisa para a revisão integrativa, delimitando-se o tema “A constituição da sexualidade infantil e a relação com a estrutura da perversão”, viabilizando responder as questões norteadoras: como se dá a constituição da sexualidade infantil e qual é a relação com a estrutura da perversão.

Após essa etapa, foi feita a formulação da questão da pesquisa, havendo a busca nas bases de dados dos estudos a serem abrangidos na revisão. Desta forma, foram determinadas as seguintes palavras-chave: sexualidade infantil, psicanálise, perverso-polimorfo e perversão. Foram filtrados artigos científicos, livros e dissertações acessados nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePsic (Periódicos de Psicologia), Google Acadêmico, Portal de Periódicos FCLAr (Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara) - Unesp e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Ainda, foram selecionados 3 livros do acervo pessoal dos autores, sendo estes “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), “Neurose, Psicose e Perversão” (1924) e “Fetichismo” (1927) de Sigmund Freud.

Foram incluídos apenas artigos na língua portuguesa que abordassem a proposta da pesquisa e como critério de exclusão foram eliminados aqueles que não atendessem os critérios explicitados na metodologia.

O processo de leitura dos dados começou com a leitura dos resumos, onde foram excluídos os artigos que não abordassem a proposta da pesquisa, sendo selecionados os que seguissem a questão norteadora e os critérios de inclusão previamente estabelecidos. Foi então realizada a finalização da leitura dos textos completos, concluindo-se com 22 artigos selecionados.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1: Fases do Desenvolvimento Sexual Infantil

Notou-se em “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905, p. 107) que as características da vida sexual infantil, é fundamentalmente autoerótica, isto é, descobre o objeto no próprio corpo, e que as suas pulsões parciais se aplicam no alcance do prazer, em linhas gerais, sem ligação entre si e de forma independente. Desse modo, as inibições e as perturbações do desenvolvimento sexual infantil, especificamente nas fases pré-genitais, permitem identificar estágios preliminares de uma formação das pulsões parciais, fases estas que compõem uma espécie de regime sexual.

Diante desse cenário, Freud (1905, p. 82-84) relata que as fases pré-genitais são os desenvolvimentos da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram a sua função, dentre elas estão a fase oral e a fase anal, com base nisso, a primeira dessas organizações é a oral, em que o exercício sexual ainda não foi separado da nutrição, bem como também não se distinguem correntes distintas em seu interior. O objeto de uma tarefa é inclusive o da outra, e o alvo sexual constitui na junção do objeto que, futuramente, sob reconhecimento, realizará uma atribuição psíquica essencial.

A segunda fase pré-genital é sádico-anal. Freud (1905, p. 91-92) relata que nela a separação em opostos que atravessa a vida sexual já se estabeleceu, porém ainda não podem ser nomeados de feminino e masculino, e sim de ativo e passivo. Com base nisso, a tarefa é instituída pela pulsão de dominação, por meio da musculatura do corpo, e por ser órgão do foco sexual passivo o que se vale é, antecipadamente, a mucosa erógena do intestino, em que crianças que usam a excitação erógena da zona anal se mostram no ato de prender a massa fecal, acumulando-se e, conseqüentemente, estimulando contrações musculares no ânus, produzindo sensação de dor, bem como sensação de volúpia.

Nesse sentido, em “*Neurose, Psicose e Perversão*”, Freud (1924, p. 260) afirma que o desenvolvimento sexual do infante progride até uma fase em que o genital já atribuiu o papel primordial. Porém, esse genital é somente o masculino, ou seja, o pênis; o feminino continuou não aparente. Essa fase fálica sincrônica a do complexo de Édipo, não permanece se constituindo até a organização genital

absoluta, mas inunda e é desfeita pelo período de latência. Seu fechamento, porém, aplica-se de forma típica, e apoiando-se em situações sistematicamente recorrentes.

Consoante a isso, é no Período de Latência que são constituídos os poderes psíquicos que posteriormente se posicionarão como obstáculos no caminho da pulsão sexual, e ao modo de represas, estreitarão o sentimento de vergonha, bem como o nojo, os princípios morais e estéticos. Dito isto, com os infantes civilizados se tem a impressão de que a educação auxilia, porém, essa construção é organicamente condicionada, firme hereditariamente, e pode fazer-se, às vezes, sem qualquer ajuda de educação. (FREUD, 1905, p. 80.)

Não fugindo à constituição de que por meio do onanismo do bebê, ao qual quase nenhum sujeito escapa, é concretizada a futura escolha dessa zona erógena na atividade sexual freudiana, sendo a fase genital. Dessa forma, Freud (1905, p. 94-95) descreve que a ação que exclui o estímulo e estimula a satisfação se constitui em movimentos de fricção com a própria mão ou no uso de pressão, por meio das mãos ou das coxas. Esta última, é mais comum entre as meninas; nos meninos, a opção mais utilizada é a mão, contribuindo à atividade sexual masculina que o instinto de posse virá a atribuir um dia. Assim, é importante distinguir as três fases na masturbação infantil, a primeira se refere ao período da amamentação, a segunda à breve fase de florescimento da tarefa sexual e a terceira está relacionada à masturbação da puberdade, amiúde a única levada em consideração.

2.2: Complexo de Édipo

Campos (2017) resgatando o complexo de Édipo e o mito do pai, aborda que Lacan integrou a dialética desejo-lei à metáfora paterna, e julga Freud por levantar um Édipo atribuído pela tomada do materno e do pulsional na constituição do sujeito. Indica o complexo parental, tendo em vista a modificação do complexo por uma teoria de base antropológica baseada em Lévi-Strauss. Pondera o “nome do pai [...] suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei” (LACAN, 1953/1998, p. 279 *apud* CAMPOS, 2017, p. 1).

Campos (2017) continua a citar que a diferenciação entre imaginário, simbólico e real facilitou o sustento às análises para estabelecer distinções

funcionais, variáveis elementos da triangulação: mãe-falo-criança; mãe-filho-pai. O genital, que não se representa no inconsciente, deixou de ser menção na diferenciação entre os sexos. Aparece no seu lugar a função fálica, unindo o objeto do desejo - o falo - nas mulheres e nos homens. Com base nisso, Lacan confirma que o órgão sexual masculino exerce um papel crucial, representando o objeto de desejo (LACAN, 1957-1958/1999, p. 249 *apud* CAMPOS, 2017, p. 1). Para os sujeitos, existiriam duas escolhas: ser possuidor do falo ou ser castrado.

Com isso, o falo, objeto de desejo, estimula o infante a se tornar sujeito do próprio desejo. É também reconhecido por Freud como algo centrado na economia libidinal, ou seja, se o infans é real e a mãe é simbólica, tem entre ambos o falo que causa na mãe a inveja do pênis. Nos instantes de carência, a criança simboliza a figura materna como uma potência pura de aptidão, que tudo oferta consoante a sua vontade e por isso, a ela, o infante se sujeita. (Campos, 2017).

Com base nisso, no primeiro tempo do Édipo, o infante se reconhece como o objeto de desejo da mãe, estabelecendo uma uniformidade mãe-filho que só é desfeita com o achamento da castração materna. O significado fálico é apresentado quando o significante do desejo da mãe pode ser afligido pelo Nome do Pai, formando o desejo de ser o falo da mãe. (Borges *et al.* 2004).

Borges *et al.* (2004) continua, tratando-se do segundo tempo do Édipo, pode-se constatar, de forma precisa, o Édipo, com a entrada do pai no vínculo mãe-filho. O pai como imagem é o pai que priva, que coloca a mãe e a criança na lei da cultura, impossibilitando ambos. Tal pai, onipotente, substitui a mãe sem proporcionar que a criança simbolize a castração. Proíbe a mãe da aptidão do falo, que ela não possui, e o dá apenas consoante ao seu capricho. Intervém como autoridade, concedendo aos filhos o traço de identificação da virilidade ou o filho como substituto.

Borges *et al.* (2004) ao entrar no terceiro tempo do Édipo, relata que é o momento em que um homem vai preencher um lugar construído pela mãe, porém é um lugar vazio e o pai vai preencher como bem quiser, fazendo da mãe uma figura feminina, objeto *a*⁵ que causa o seu desejo. É o pai real que dá à mãe posição de

⁵ Conceituação lacaniana, é o objeto causa do desejo. O vínculo do sujeito inconsciente com o objeto de seu desejo, isto é, não são qualidades particulares que satisfariam o desejo por sua aparição ou o frustrariam por sua lacuna; sua função é a causa do desejo. (KAUFMANN, P. 1996, p. 15).

mulher faltosa e, assim, desejante. Dito isto, fica ao infante reconhecer-se com as medalhas do pai, desenvolvendo o Ideal do Ego e o Superego. Falo e lei se resultam autoridades acima de qualquer personagem.

Nesse sentido, esse instante é o resultado da criança se identificar com o pai, surgindo, com isso, o Ideal do eu. No triângulo simbólico, o infante se firma no pólo materno, iniciando se desenvolver como tudo o que será realidade, e no pólo paterno, tudo o que está relacionado ao superego. A partir daí, constituiu-se o eu ideal, construindo o amor por si mesmo como na fase infantil gozava o eu real. Em relação ao homem, transfigura-se viril, dado que se constroi a própria metáfora, quando se realiza um pai em potencial. Em contrapartida, referente à mãe, não tendo de se enxergar com virilidade, segue no sentido ao falo, sabendo onde está e também onde irá buscá-lo, indo em direção ao que tem. (KAUFMANN, 1996, p. 337 *apud* CAMPOS, 2017, p. 5).

Nessa perspectiva, ao focar em como isso ocorre na perversão, alguma pulsão parcial pode fugir à ordem fálica, perdurando como local de gozo fora de tal estrutura. O sujeito, isto é, a criança, vai se desenvolvendo como perversa quando teve uma mãe que não pôde dar ao pai o local que podia dá resultado sobre a subjetividade do filho. Pode-se refletir que o perverso retrocede do segundo ao primeiro tempo do Édipo, sustentando a concretude do fetiche ao devaneio de ser o falo da mãe, apesar de carregar os vestígios edípicos. (Borges *et al.* 2004).

2.3: O Mecanismo da Denegação da Castração

De acordo com Freud (1927), as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis rejeitando esse fato e crendo que elas, mesmo assim, ainda enxergam um pênis. Assim, Freud (1905) retrata que é natural para o menino presumir que todos a qual ele conhece possuem um genital igual ao seu, sendo impossível haver a conciliação da ausência dele com a ideia que faz dessas outras pessoas, sustentando firmemente essa crença, de forma a defendê-la contra as objeções que a evidência não tarda a apresentar, a abandonando apenas após árduas lutas interiores, de modo que os substitutos desse pênis perdido da mulher têm papel fundamental na configuração de muitas perversões.

À vista disso, Naves (1999) afirma que, no concreto, o indivíduo possui ciência de que as mulheres não possuem um pênis, entretanto, é por meio da recusa que ele cria um fetiche que o protege do perigo da castração. Essa afirmação entra em consoante ao que Freud (1927) discorre que, na psique do indivíduo, a mulher ainda possui um pênis, contudo este não é mais o mesmo que antes, um substituto foi nomeado e herdou o atrativo a qual era o dirigido anteriormente, uma vez que é diante o horror da castração que o indivíduo ergue para si um monumento ao criar esse substituto.

Desde os primórdios, o sujeito, isto é, a criança, desempenha o lugar de falo, que “tapa o buraco” da mãe, isto está relacionado ao gozo fálico, resultante do significado da falta de falo na figura feminina. Nesse cenário, só como mulher é que algo falta à mãe. A criança, posta aos genitais femininos, que a assusta e que corresponde a sua respectiva castração, pode chegar a levantar a ideia de que a mulher não tem pênis e que a sua mãe não é mulher. Desse modo, pode indagar o que a mãe deseja, que é o falo, e com isso o infante pode se ofertar como seu substituto. (Borges *et al.*, 2004).

Nesse cenário, existem três formas que, Freud situa, de lidar com a castração. A primeira é em relação ao infante perder a localidade de objeto de gozo da mãe, agradando-se com uma nostalgia sintomática que não se esgota, porém, a partir disso, organizando o seu romance familiar e executando a sua fantasia. Com isso, descobre, simbolicamente, maneiras de proteção de ser o falo da mãe, por meio dos limites dados pela função paterna. Além disso, a segunda forma é referente à psicose, em que o nome do pai não atravessa no momento certo para impedir o gozo da mãe fálica - filho narcisista. (Borges *et al.*, 2004).

Diante do que foi exposto, ao se tratar das maneiras de como lidar com a castração, relacionando com os traços da perversão na fase infantil, os sujeitos que só aceitarão a castração no intuito de transgredi-la incessantemente, à custa da fatigante repetição de um mesmo ato, é o próprio mecanismo da perversão. É a recusa, a denegação da castração. “Eu sei que a minha mãe não tem pênis, mas mesmo assim...”, ou seja, ele se recusa a aceitar que a figura materna não tem pênis. O fetiche fica como uma medalha, celebrando a conquista sobre a castração. (Borges *et al.*, 2004).

... o fetiche é um substituto para o pênis (...) um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. (Freud, v. XXI, p. 179 *apud* Borges *et al.*, 2004, p. 111).

Dito isto, em algum ponto de fixação o sujeito perverso permanece, continuando um vínculo incestuoso com a mãe. A perversão só pode ser compreendida tendo em vista o complexo de Édipo e a castração. Refere-se a uma posição específica perante o Édipo com uma inexatidão na simbolização da lei que é “desafiada”. (Borges *et al.* 2004).

2.4: Diferenciação entre os Traços da Perversão e a Estrutura Subjetiva da Perversão

Referente aos traços da perversão e da estrutura subjetiva da perversão, observa-se que estão relacionados à sexualidade do tipo perverso-polimorfa, ou seja, ocorre tanto em crianças, como em adultos, porém existem distinções entre as mesmas. Em “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905), Freud retrata uma sexualidade que ultrapassa os objetivos da procriação e têm objetos de prazer que variam, isto é, muitas maneiras que não teriam relação com os genitais que possam ser vistas como sexuais. Essas questões sexuais são achadas tanto nos perversos, como nas pessoas consideradas normais. Assim, determina-se os traços da perversão da sexualidade infantil como universais, que fazem parte do desenvolvimento considerado normal. (Formigone, 2016).

Nesse sentido, existe um polimorfismo que é único da sexualidade humana, como também um elemento da perversão referente à sexualidade se desviar de uma determinação considerada natural que limitaria o ato sexual à procriação. A partir daí, é essencial diferenciar o que é universal do que é a posição propriamente dita em relação à sexuação, pois esse perverso-polimorfo que foca na sexualidade dos sujeitos não é o mesmo que a estrutura da perversão, isto é, quanto ao sujeito frente à castração do Outro. (Formigone, 2016).

Contudo, Dunker (2011) contribui ao retratar a tese psicanalítica de que a sexualidade infantil apresenta a característica de ser perversa, por buscar, ampliar e transgredir as distintas formas de satisfação, e de ser polimorfa, por assumir muitas formas, plásticas e mutáveis. A perversão no adulto se distingue por seu caráter de

fixidez (uniforme) e pelo papel subjetivo de desautorização da lei. Dessa forma, a perversão não é somente uma questão de desobediência da lei, mas diz respeito, também, ao tipo de intenção (ou de desejo), à forma como nos pomos, e colocamos o outro, diante do que realizamos.

Vale ressaltar que os traços de perversão e atos de gozo da perversão não podem ser confundidos com a estrutura subjetiva da perversão. A perversão está relacionada a um tipo de vínculo entre o sujeito e o Outro, em que o primeiro se dá como instrumento de gozo do Outro. Portanto, para se determinar um diagnóstico de perversão é necessário considerar o sujeito, o Outro, o objeto *a*, a posição na fantasia, bem como o processo de gozo. (Formigone, 2016).

Nesse sentido, Campos (2017) contribui ao retratar a estrutura da perversão, em que atribui o falo como estando no corpo da mãe do jeito que acontece referente ao objeto fetiche. Isto é, o sujeito perverso se coloca acima da lei. Continua em um ponto de gozo e não ascende ao desejo. O seu mecanismo é justamente o da recusa. Dispensado da culpa, acusam as distorções do Ideal do eu e as discordâncias do eu ideal.

Dessa forma, ao diferenciar os traços da perversão com a estrutura da perversão, nota-se que um traço de memória de um período antecedente, que não foi traduzido, permanece no desmentido e passa a determinar as leis. É o desejo do gozo, diferente do *acting out*⁶, que é passageiro. Porém, apenas posterior ao período de latência e das chances do ato sexual guiado pela puberdade é que se pode ter a comprovação de que o traço da perversão, fantasmaticamente, vai definir o surgimento de uma perversão. (Borges *et al.* 2004).

3. CONCLUSÃO

A proposta inicial do grupo era descrever sobre a perversão infantil, mas, durante os estudos em Freud e Lacan, esbarramos em impasses e contradições a respeito da temática, mudando-a para a constituição da sexualidade infantil e a relação com a estrutura da perversão. Com isso, construir este trabalho foi uma

⁶ Lacan (1962-1963/2005, p. 140 *apud* RUTHES; LUSTOZA, 2018, p. 122), “é o início da transferência”, pode-se dizer que é a transferência selvagem.

trajetória de achados e de desafios, possibilitando um conhecimento aprofundado da complexidade que é o mundo da sexualidade infantil e a sua relação com a estrutura da perversão.

Dito isto, o desenvolvimento deste trabalho acadêmico associou alguns passos de extrema importância, os quais contribuíram de forma significativa para a conclusão, permitindo estabelecer as descobertas e investigar sobre a sexualidade infantil e a relação com a estrutura da perversão. Assim, pôde-se notar que os traços da perversão podem ser compreendidos como parte do desenvolvimento sexual do sujeito e não como algo patológico, além do resultado em diferenciar o traço da perversão, da estrutura da perversão. Desse modo, essas investigações foram cruciais para um olhar mais cuidadoso à temática.

Nesse sentido, é fortalecida a ideia de que a constituição da sexualidade infantil é de grande importância dentro da Psicanálise, sendo um terreno de imensa complexidade, mas ainda de poucos estudos, mostrando que há um espaço enorme para novas investigações a serem feitas sobre o tema em foco, ou seja, é de total relevância que mais estudos sejam realizados a respeito da constituição da sexualidade infantil e a relação com a estrutura da perversão.

Portanto, a construção do trabalho de conclusão de curso foi uma experiência enriquecedora, que proporcionou um aprofundamento sobre o tema. O processo, embora árduo, resultou em uma descrição crucial sobre o assunto em questão, contribuindo para uma interpretação mais significativa.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Juliana. et al. **Perversão e Infância e Adolescência**. Reverso, v. 26, n. 51, p. 109-113, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5469974>. Acesso em 14 set. 2024.
- BOTELHO, L. L. R., CUNHA, C. A., & MACEDO, M. (2011). **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121-136.
- CAMPOS, Dulce. **O Édipo e as estruturas clínicas (no Seminário 5 de Lacan)**. *Intersecção Psicanalítica*, 2017. Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/wp-content/uploads/2014/05/dcampos_edipo_estrut_clinicas_sen.pdf. Acesso em 20 set. 2024.
- CARVALHO, Gildete Lino de. **Perversão na criança**. *Cogito*, Salvador, v. 1, p. 35-39, 1996. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-9479199600010007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 abr. 2024.
- COSTA, Germano; LEITE, Sonia. **O infantil na constituição subjetiva: restos, escrita e narrativa**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 18, p. 619-633, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/dg5hHTmpbLH3JZ6ZmMDx3pJ/>. Acesso em 11 de out. 2024.
- DOR, J. **Estrutura e perversões**. Artes Médicas Editora. Porto Alegre, 1991 *apud* CARVALHO (1996).
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Dossiê - Perversão**. *Revista Cult*, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-perversao/>. Acesso em: 12 out. 2024.
- FORMIGONI, M. C. **Perversão ou “posição perversa”? Caminhos para a construção de uma hipótese diagnóstica**. *Revista de Psicanálise Stylus*, [S. l.], n. 32, p. 123–135, 2016. DOI: 10.31683/stylus.vi32.627. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/627> . Acesso em 21 abr. 2024.
- FREUD, Sigmund. **A sexualidade infantil. Três Ensaios sobre a Teoria Sexual**, 1905. Disponível em: https://www.educmunicipal.indaiatuba.sp.gov.br/shared/upload/z_outros/files/material_curso/monitores/tema_6/sexualidadeinfantilfreud.pdf. Acesso em 01 set. 2024.
- FREUD, Sigmund. **Fetichismo** (1927). *ESB*, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1969 *apud* BORGES *et al.* (2024).
- FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose e perversão** (1924). Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund; tradução Paulo César de Souza. **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição 'Livros do Brasil', 1905. Disponível em: file:///home/chronos/u-c654fb559147f0cd6841bc1693a0920a086d2bc6/MyFiles/Downloads/Tr%C3%AAs%20Ensaios%20Sobre%20a%20Teoria%20da%20Sexualidade%20Sigmund%20Freud_.pdf. Acesso em 21 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996 apud CAMPOS (2017).

LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise** (1953). In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, p. 238-324, 1988 apud CAMPOS (2017).

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** (1957/58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 531 p apud BORGES *et al.* (2004).

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia** (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 apud RUTHES; LUSTOZA (2018).

MARTINHO, Maria Helena Coelho; SADALA, Maria da Glória Schwab. **Perversão e práticas perversas: contribuições da psicanálise**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 94-107, mai. a out. 2016. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_22/pdf/9-Perversoes_e_praticas_perversas.pdf. Acesso em 21 abr. 2024.

MARTINHO, M. H. **Perversão: um fazer gozar**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa e Pós-Graduação em Psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011 apud FORMIGONE (2016).

NAVES, E. T. **O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental II, v. 2, p. 108–120, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WH363PTCchHjKnj9vBVJdPNh/>. Acesso em 21 abr. 2024.

RUTHES, Fernando; LUSTOZA, Rosane. **Passagem ao ato e acting out: função e sentido da distinção**. Analytica, São João del Rei, v. 7, n. 12, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000100010. Acesso em 14 set. 2024.